

Uniqueijo aposta em queijo com dois anos de cura

Foto: DR



Há um novo queijo de São Jorge no mercado, que está a conquistar os apreciadores do produto. O tempo de cura de dois anos confere-lhe um sabor diferente e há quem não se importe de pagar mais para o degustar.

“Fizemos os testes e deixámos curar por dois anos. O resultado é fantástico e o queijo distingue-se dos outros”, adiantou, em declarações a DI, António Azevedo, gerente da Uniqueijo.

A União de Cooperativas Agrícolas de Lactínios de São Jorge (Uniqueijo) faz uma seleção de queijo DOP (Denominação de Origem Protegida) certificado pela Confraria do Queijo de São Jorge e deixa-o envelhecer por mais tempo, seguindo as mesmas técnicas de cura dos restantes produtos. É o tempo que faz com que o queijo se distinga dos restantes. Há quem não aprecie, mas há também quem se delicia. Depende do palato de cada um. “É um queijo que tem cristais mais visíveis e um sabor mais acentuado. Há apreciadores que gostam e valorizam este tipo de produto”, frisou o gerente da Uniqueijo.

A Uniqueijo tem no mercado queijos com vários tempos de cura, mas o mais comum atualmente é o de sete meses.

O queijo de dois anos, lançado no ano passado, é produzido em pequena quantidade, mas custa quase mais 10 euros por quilo do que o de sete meses.

Numa cadeia de hipermercados nacional, o queijo com cura de sete meses custa 13,73 euros por quilo, enquanto o de 24 meses atinge os 23,30 euros por quilo.

Por enquanto, o queijo de dois anos é comercializado apenas nos Açores e no continente português, mas a Uniqueijo tem expectativas de conquistar novos mercados.

“Enviámos uma pequena encomenda para os Estados Unidos da América”, adiantou António Azevedo.

Apesar de ser um produto de valor acrescentado, a produção de um queijo com dois anos de cura implica um empate de capital grande, que segundo o gerente da Uniqueijo só é possível, porque a união de cooperativas já alcançou um equilíbrio orçamental.

“É possível com uma boa gestão. É a forma que encontramos para conseguir chegar a um balanço”, disse António Azevedo, salientando, no entanto, que apenas uma pequena parte da produção é submetida à cura de dois anos.

Noutros tempos, uma cooperativa de São Jorge chegou a colocar no mercado um queijo com cinco anos de cura, mas essa experiência não está no horizonte da Uniqueijo.

“Chegámos à conclusão que a partir dos três anos de cura já não conseguimos dizer que é um queijo de São Jorge, porque ele perde características”, explicou o gerente da união de cooperativas. Segundo António Azevedo, a Uniqueijo quer continuar a desenvolver produtos um passo de cada vez e com “os pés bem assentes na terra”.

CA/DI

Estatística: Usar (sempre) mas com cuidado!



Por: Osvaldo Silva
Professor Auxiliar do Departamento de Matemática e Estatística
da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores
osvaldo.dl.silva@ua.pt

Todos nós, no nosso dia a dia, somos bombardeados com indicadores estatísticos e gráficos em qualquer tipo de comunicação (quer seja na Internet, na televisão, nos jornais, nas revistas, nos anúncios comerciais, nas avaliações de desempenho a nível profissional, etc.) e, muitas das vezes, temos dificuldade em perceber a linguagem que nos é transmitida. Tal acontece, muitas das vezes, devido à utilização de uma linguagem excessivamente técnica e também à inexistência de um conhecimento científico generalizado por parte dos cidadãos. O incremento do conhecimento científico na nossa sociedade deve ser desenvolvido e estar ao alcance de todos, independentemente das suas habilitações literárias.

É urgente uma educação para o exercício da cidadania, em que as pessoas sejam incentivadas a se questionarem mais sobre o mundo que nos rodeia, a terem uma visão mais crítica e proativa em relação às informações que recebem e a se tornarem mais atentas e curiosas. A curiosidade e o questionamento, que são apanágio das crianças, muitas vezes são reprimidos, o que não estimula adequadamente o desenvolvimento do pensamento científico. Para que os cidadãos se tornem mais aptos para uma sociedade cada vez mais global, onde a metodologia científica está presente em todas as áreas de atuação, é fundamental que estes desenvolvam competências básicas que lhes permitam atuar a qualquer nível (pessoal e profissional). Numa sociedade de comunicação e da tecnologia, onde as informações crescem a níveis exponenciais, temos de ter a capacidade de entender essas informações e, a partir destas, retirar algum conhecimento, que poderá constituir um valor acrescentado para qualquer organização. A Estatística oferece-nos muitas ferramentas de apoio para descodificar as informações que nos são apresentadas. Para começar qualquer estudo, é fundamental que os investigadores coloquem as questões pertinentes a serem respondidas e planeiem adequadamente todo o decurso do processo de investigação, recorrendo ao apoio de ferramentas estatísticas, para que no final cheguem a conclusões que sejam confiáveis e que contribuam para o avanço do conhecimento científico no contexto do estudo. Com recurso à Estatística, pode-se prever riscos, otimizar processos de produção, controlar a qualidade, assim como caracterizar comportamentos, tendências, possibilidades e opiniões.

Muitas vezes, somos confrontados com dados oficiais apresentados por diferentes meios de comunicação, como sejam, por exemplo, relativos ao crescimento económi-

co (Produto Interno Bruto (PIB, em milhões de euros)) em Portugal, no período de 2012 a 2016. Suponha que uma estação televisiva, deu essa notícia e mostrou o gráfico presente na figura 1.

Olhando para o gráfico, parece que o PIB está a crescer muito! Dado que os dados são oficiais, todos acreditam na sua validade, mas devemos estar sempre atentos, para não sermos confundido na leitura dos mesmos. Se repararmos com atenção, verificamos que os valores do PIB só começam em 160000 e não em zero. Não há problema em começar o eixo do gráfico num determinado valor, desde que toda a informação esteja presente nesse gráfico (neste caso está tudo ok!). Instalado no sofá, você muda para outro canal televisivo que está a passar a mesma notícia, mas apresenta o gráfico apresentado na figura 2, a partir dos mesmos dados.

Você vai-se interrogar onde é que está a evolução bastante positiva do PIB que observou há pouco! Parece que o PIB está a crescer muito pouco! Pensando um pouco, os dados são os mesmos e, olhando para o gráfico, verifica-se que o eixo das ordenadas (na vertical), com os valores referentes ao PIB, começa no valor zero. Ambos os gráficos estão corretos e mostram os mesmos dados, com a diferença ao nível de onde começam os valores do eixo na vertical e da sua gradação. A escolha de onde iniciar o eixo pode induzir uma determinada intenção à mensagem que se pretende transmitir. Tem de ser o “consumidor/leitor” desse(s) gráfico(s) a ter a capacidade de olhar para os valores mostrados nos eixos e a não se preocupar com a sua inclinação aparente, mas com os

valores que variam de verdade. Os gráficos podem deixar-nos confuso, mas os seus valores (números) não mentem. Devemos estar precavidos para a eventualidade de existirem muitos interesses (comerciais, políticos, etc.) em jogo, que levem à manipulação da informação, com o uso da estatística e da linguagem estatística, com o intuito de criar sensacionalismo, de confundir ou de enganar.

Atualmente, a sociedade vive rodeada por uma quantidade de informações tão grande que não se pode deixar de pensar o quanto a Estatística é útil, sendo uma das competências mais importantes para quem precisa de tomar decisões. As transformações sociais, económicas e culturais, que ocorrem diariamente na nossa aldeia global, exigem a qualquer cidadão, independentemente da sua atividade profissional ou área de atuação, a posse de conhecimentos de Estatística. Em prol do desenvolvimento de uma cultura estatística, é um papel de todos nós fomentar o pensamento estatístico, o raciocínio estatístico e a literacia estatística. Só com cidadãos com a capacidade de interpretar e avaliar criticamente a informação estatística e que participem mais ativamente e de forma atenta ao que nos rodeia, será possível desenvolver uma cultura de exigência e de responsabilidade, de forma a potenciar uma sociedade com maior democracia, onde futuramente todos possam tomar decisões de forma mais informativa e refletida. A luta contra a ignorância ativa depende de todos nós, desenvolvendo e disseminando a literacia estatística entre todos. Não se esqueça de fazer a sua parte!

Foto:DR

